

REDIMENSIONANDO ARTIGOS... Estudos Educacionais e Reflexões Patrimoniais

(Resizing Articles... Educational Equity Studies and Reflections)

Christian Dennys Monteiro de Oliveira

Editor - Geosaberes
cdennys@gmail.com

1

No texto *Europa, modernidade e eurocentrismo*, o filósofo e pedagogo argentino Enrique Dussel, professor da Universidade Autônoma Metropolitana de Iztapalapa (UAM-I), México, sintetiza sua leitura sobre a “transmodernidade” como projeto político-acadêmico defendendo a tese de que precisamos partir de um deslizamento conceitual sobre os referenciais que tomamos como ponto de partida. Pontos esses precipitadamente fixados por nossa ingênua ou imatura necessidade de enxergar em todo e qualquer espaço ao redor uma terra firme. Este trabalho pode ser encontrado no livro *A Colonialidade do Saber: eurocentrismo e ciências sociais. Perspectivas latino-americanas*. Está organizado por Edgardo Lander, fazendo parte da Coleção Sur Sur (CLACSO, Ciudad Autónoma de Buenos Aires, Argentina, setembro 2005, pp.55-70). E sua disponibilidade online é acessível pelo endereço: <http://bibliotecavirtual.clacso.org.ar/ar/libros/lander/pt/Dussel.rtf>

Dussel argumenta que a amplitude histórica da centralidade europeia tem sua construção legitimamente iniciada no ano base das conquistas ibéricas 1492. E só pode ser concluída após todas as mutações ideológicas proporcionadas pelo Renascimento, as Ilustrações, as Revoluções Burguesas e o Romantismo do século XIX. Sem isso, os signos da modernidade não passam de movimentos descontínuos. Mas com isso, podemos ampliar tais significações para incluir nossa latinidade periférica em algum ponto mais promissor desse projeto. Diz ele:

[...]não se trata de um projeto pré-moderno, como afirmação folclórica do passado, nem um projeto antimoderno de grupos conservadores, de direita, de grupos nazistas ou fascistas ou populistas, nem de um projeto pós-moderno como negação da Modernidade como crítica de toda razão para cair num irracionalismo niilista. Deve ser um projeto “transmoderno” (e seria então uma “Transmodernidade”) por subsunção real do caráter emancipador racional da Modernidade e de sua Alteridade negada (“o Outro”) da Modernidade, por negação de seu caráter mítico (que justifica a inocência da Modernidade sobre suas vítimas e que por isso se torna contraditoriamente irracional).

Concordamos com o autor no reposicionamento de nossos referenciais. Embora entendamos, pelo texto citado, que a generalização da proposta para todo o mundo não europeu ainda represente uma idealização exageradamente “grave” no enfretamento de “agudos” e complexos ruídos de realidade em nossos caminhos latino-americanos.

O melhor aqui foi o fato desse deslizamento conceitual do moderno ao transmoderno nos inspirar a fazer essa apresentação das mudanças propostas aos leitores da REVISTA GEOSABERES. Vem daí a chance explicar, como e porque, um exercício de *subsunção para superação* (inclusão de um plano em um projeto maior ou já existente) pressupõe uma analogia entre esse debate geopolítico e as reorientações temáticas de uma produção científica como a nossa. O ponto de partida é observar, sem grande esforço intelectual, que as questões escolares e patrimoniais contemporâneas permanecem indispensáveis a qualquer interpretação da modernidade. Educação e Cultura são colunas vertebrais da ontologia moderna; esteja ela na Europa que nos criou, na América-Brasil que recriamos ou nos horizontes que projetamos para o futuro socioambiental dessas instâncias.

Foi aí que nos propomos a remodelar os campos de identificação dos artigos e metodologias, a fim de que a pergunta ressonante nesses oito números da revista possa ser mais facilmente superada. Não por cansaço; mas porque existem outras questões tão ou mais valiosas que ela: Afinal, que são os Estudos Geoeducacionais? Quais os “geosaberes” que os compõem? Uma resposta (“transmoderna?”): são estudos de Educação e de Patrimônio incluídos âmbito da Comunicação Geográfico-Científica. O amadurecimento dessa resposta representa um deslizamento das formas conceituais de apresentação da revista. Por isso entendemos como fundamental a reapresentação das duas categorias de artigos científicos que

gostaríamos de estimular aos nossos futuros colaboradores. De um lado, aquelas que pensam a linguagem direta do processo educacional da Geografia, lançando mão das múltiplas formas de vincular tais conhecimentos às práticas de ensino e aprendizagem escolar. Chamamos essa categoria de ESTUDOS EDUCACIONAIS; e no reconhecimento imediato da expressão, acreditamos que as contribuições vindouras direcionem aqui as pesquisas em ensino, metodologias, formação docentes.

De outro, as linguagens indiretas da geoeducação encontram-se representadas pelos campos temáticos do patrimônio cultural e ambiental. Para tal categoria escolhemos o nome de REFLEXÕES PATRIMONIAIS. E por que tratar esses caminhos indiretos como “reflexões”? Porque a ideia de “reflexo” permite atribuir aos bens patrimoniais a condição de “deslizamento criativo”; ou seja, na Ciência Geográfica, o patrimônio expressa uma forma transmoderna de ler a paisagem: inserir-se no que se vê em busca de outras possibilidades de visão e interação. Reflexões sobre os desafios do Patrimônio sugerem amiúde uma dinâmica francamente positiva de identidade (local↔global) na reconstrução de alteridades. Por isso os campos proximais do meio ambiente natural, do turismo, das mídias, da religiosidade, das artes, filosofias não ocidentais, dos direitos humanos, entre outros ajudam a “refletir” uma parte – o Patrimônio – de maneira mais ampla que o todo – a Educação Geográfica.

O Conselho Editorial espera que os nove textos dos Estudos Educacionais e a resenha das Reflexões Patrimoniais correspondam às expectativas dessa nova ordem de modernização da GEOSABERES. O risco do redimensionamento é sempre alto e instigante. Melhor do que ponderação de não assumi-lo é contar com a reversibilidade dos “deslizes”, se necessário.